

Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos (Porto Alegre)

CESTA BASICA Porto Alegre – Números de setembro 2021

VALOR DA CESTA: R\$ 672,39

- Variação mensal: 1,16%
- Variação no ano: 9,21%
- Variação 12 meses: 21,62%
- Jornada necessária para comprar a cesta básica: **134 horas e 29 minutos**.
- Percentual do salário mínimo líquido para compra dos produtos da cesta: **66,08%**.
- **Salário Mínimo Necessário** deveria ser de **R\$ 5.657,66**, ou **5,14** vezes o mínimo vigente de R\$ 1.100,00.

1

Tabela 1 - Cesta Basica Porto Alegre
Variação mensal, acumulada no ano e 12 meses
Setembro de 2021

Produtos	Variação		
	Mensal	No ano	12 meses
Carne	-0,79%	16,81%	35,49%
Leite	-0,72%	8,84%	6,27%
Feijão	-1,05%	8,74%	14,54%
Arroz	-5,79%	-15,24%	-3,59%
Farinha	1,64%	19,78%	24,61%
Batata	8,62%	-22,77%	47,49%
Tomate	14,50%	38,35%	22,55%
Pão	-0,38%	9,63%	11,15%
Café	7,62%	32,17%	40,17%
Banana	-3,67%	-25,42%	-12,24%
Açúcar	4,51%	50,54%	60,38%
Óleo	1,77%	-1,01%	33,74%
Manteiga	0,70%	7,48%	9,58%
Total	1,16%	9,21%	21,62%
	set/21	dez/20	set/20
	672,39	615,66	552,86

Fonte: DIEESE/RS

Em setembro de 2021, o valor do conjunto de bens alimentícios básicos em Porto Alegre registrou alta de 1,16%. Dos treze produtos que compõem o conjunto de gêneros alimentícios essenciais previstos, **sete ficaram mais caros**: o tomate (14,50%), a batata (8,62%), o café (7,62%), o açúcar (4,51%), o óleo de soja (1,77%) a farinha de trigo (1,64%) e a manteiga (0,70%). Em sentido contrário, seis itens registraram redução de preço: o arroz (-5,79%), a banana (-3,67%), o feijão (-1,05%) a carne (-0,79%), o leite (-0,72%) e o pão (-0,38%).

De janeiro a setembro de 2021, **nove produtos ficaram mais caros**: o açúcar (50,54%), tomate (38,35%), o café (32,17%), a farinha de trigo (19,78%), a carne (16,81%), o pão (9,63%), o feijão (8,74%), o leite (8,84%) e a manteiga (7,48%). Por outro lado, quatro itens estão mais baratos: a banana (-25,42%), a batata (-22,77%), o arroz (-15,24%) e óleo de soja (-1,01%).

Em doze meses, **11 itens da cesta registraram aumento de preços**, sendo as maiores altas verificadas **no açúcar (60,38%), na batata (47,49%), no café (40,17%), na carne (35,49%) e no óleo de soja (33,74%)**. Por outro lado, a banana (-12,24%) e o arroz (-3,59%) ficaram mais baratos.

2

Em setembro¹, custo da cesta aumenta em 11 cidades

O custo médio da cesta básica de alimentos aumentou em 11 cidades e diminuiu em seis, de acordo com a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) em 17 capitais. As maiores altas foram registradas em Brasília (3,88%). Campo Grande (3,53%), São Paulo (3,53%) e Belo Horizonte (3,49%). As capitais com quedas mais intensas foram João Pessoa (-2,91%) e Natal (-2,90%).

¹ A partir de agosto, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos passou a ser realizada presencialmente em todas as 17 capitais. O retorno foi gradual ao longo de 2021, à medida que a vacinação foi avançando nas cidades. As feiras livres foram introduzidas novamente na pesquisa. As últimas cidades onde o levantamento voltou a campo foram Porto Alegre, Aracaju, Curitiba e Goiânia.

A cesta mais cara foi a de São Paulo (R\$ 673,45), seguida pelas de Porto Alegre (R\$ 672,39), Florianópolis (R\$ 662,85) e Rio de Janeiro (R\$ 643,06). Entre as capitais do Norte e Nordeste, onde a composição da cesta tem algumas diferenças em relação às demais cidades, Aracaju (R\$ 454,03), João Pessoa (R\$ 476,63) e Salvador (R\$ 478,86) registraram os menores custos.

Ao comparar setembro de 2020 e setembro de 2021, o preço do conjunto de alimentos básicos subiu em todas as capitais que fazem parte do levantamento. Os maiores percentuais foram observados em Brasília (38,56%), Campo Grande (28,01%), Porto Alegre (21,62%) e São Paulo (19,54%).

Nos primeiros nove meses de 2021, 16 capitais acumularam alta, com taxas entre 0,19%, em Aracaju, e 13,05%, em Curitiba. Somente Salvador apresentou ligeira queda de -0,05%.

Com base na cesta mais cara que, em setembro, foi a de São Paulo, o DIEESE estima que o **salário mínimo necessário deveria ser equivalente a R\$ 5.657,66, o que corresponde a 5,14 vezes** o piso nacional vigente, de R\$ 1.100,00. O cálculo é feito levando em consideração uma família de quatro pessoas, com dois adultos e duas crianças. Já em agosto, o valor do mínimo necessário deveria ter sido de R\$ 5.583,90, ou 5,08 vezes o piso em vigor.

3

O tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta, em setembro, ficou em 115 horas e 02 minutos (média entre as 17 capitais), maior do que em agosto, quando foi de 113 horas e 49 minutos.

Quando se compara o custo da cesta com o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social (7,5%), verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em setembro, 56,53% (média entre as 17 capitais) do salário mínimo líquido para comprar os alimentos básicos para uma pessoa adulta. Em agosto, o percentual foi de 55,93%.

TABELA 2
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais - Brasil – setembro de 2021

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	673,45	3,53	66,19	134h41m	6,65	19,54
Porto Alegre	672,39	1,16	66,08	134h29m	9,21	21,62
Florianópolis	662,85	0,58	65,14	132h34m	7,68	13,81
Rio de Janeiro	643,06	1,40	63,20	128h37m	3,54	14,07
Vitória	633,03	2,27	62,21	126h37m	5,46	17,37
Campo Grande	630,83	3,53	62,00	126h10m	9,43	28,01
Brasília	617,65	3,88	60,70	123h32m	4,36	38,56
Curitiba	610,85	1,73	60,03	122h10m	13,05	16,52
Belo Horizonte	582,61	3,49	57,26	116h31m	2,48	18,51
Goiânia	574,08	1,54	56,42	114h49m	1,82	12,45
Fortaleza	552,09	-0,03	54,26	110h25m	3,20	13,66
Belém	532,56	0,46	52,34	106h31m	6,32	15,97
Natal	493,29	-2,90	48,48	98h40m	7,52	16,81
Recife	489,40	-0,42	48,10	97h53m	4,26	5,40
Salvador	478,86	-1,36	47,06	95h46m	-0,05	4,25
João Pessoa	476,63	-2,91	46,84	95h20m	0,30	10,32
Aracaju	454,03	-0,52	44,62	90h49m	0,19	6,30

Fonte: DIEESE

4

Principais variações dos produtos²

- O **açúcar** apresentou elevação de preço em todas as capitais. Os maiores aumentos ocorreram em Belo Horizonte (11,96%), Vitória (11,00%), Brasília (9,58%), Goiânia (9,15%) e Campo Grande (7,94%). O principal motivo do aumento do custo no varejo foi a oferta restrita de cana-de-açúcar, por causa do clima seco e da falta de chuvas.
- O preço do quilo do **café em pó** subiu em 16 capitais, com destaque para as variações de Goiânia (15,69%), Campo Grande (14,79%), Brasília (10,03%) e Natal (9,00%). A valorização do dólar em relação ao real, os problemas causados pelo

² Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Esalq/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

clima - geada no final de julho e tempo seco - e maior demanda interna e externa pelo grão são as causas do aumento do custo do grão também no varejo.

- O **óleo de soja** registrou alta em 15 das 17 capitais, entre agosto e setembro. Os aumentos oscilaram de 0,37%, em Salvador, a 3,40%, em Campo Grande. Em São Paulo, o preço médio não variou e, em Aracaju, houve redução de -0,12%. O volume de exportação cresceu, em especial para a China, e, com o problema de escoamento de grãos nos Estados Unidos, a demanda internacional esteve voltada para a soja brasileira. Também houve maior procura do óleo para a produção de biodiesel.
- O preço do quilo do **pão francês** subiu em 14 capitais, com variações entre 0,14%, no Rio de Janeiro, e 2,53%, em Brasília. Além do aumento de custos, como o da energia elétrica, o trigo importado ficou mais caro com a valorização do dólar em relação ao real.
- Entre agosto e setembro, o litro do **leite integral** teve acréscimo em 11 capitais e o quilo da **manteiga**, em 12. As maiores altas foram observadas em João Pessoa (2,55%), Fortaleza (2,45%) e Belém (2,19%). Já a manteiga teve os principais aumentos em São Paulo (5,45%), Belo Horizonte (5,24%) e Fortaleza (3,28%). A menor qualidade das pastagens, as expressivas altas nos custos de produção e a forte competição das indústrias por matéria-prima explicam a baixa oferta de leite no campo e a alta dos derivados no varejo.
- O quilo da **carne bovina de primeira** aumentou em 11 capitais. As maiores altas ocorreram em Vitória (4,64%), Campo Grande (3,19%), Brasília (2,25%) e Natal (2,17%). As maiores reduções foram verificadas nas capitais do Sul: Florianópolis (-2,28%), Curitiba (-0,95%) e Porto Alegre (-0,79%). Apesar da suspensão da exportação da carne para a China e da menor demanda interna, consequência dos altos preços no varejo, as cotações seguiram elevadas na maior parte das cidades, devido às condições ruins das pastagens, ao clima seco e aos altos custos de produção.

- O preço do **feijão** recuou em 13 capitais. O tipo carioquinha, pesquisado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo, registrou queda em nove capitais, oscilando entre -1,88, em Belém, e -0,24%, em Recife. As altas ocorreram em João Pessoa (0,87%), Natal (0,39%) e Salvador (0,12%). Já o custo do feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, não variou em Florianópolis e diminuiu em Curitiba (-1,93%), Vitória (-1,22%), Porto Alegre (-1,05%) e Rio de Janeiro (-0,59%). Apesar da baixa oferta dos dois tipos de feijão, os altos patamares de preço reduziram a demanda, devido ao empobrecimento das famílias.
- O preço do quilo do **arroz** recuou em 10 capitais e as quedas variaram entre -5,79%, em Porto Alegre, e -0,44%, em Curitiba. As maiores taxas foram registradas em Aracaju (3,82%) e Vitória (3,04%). A demanda interna, tanto do setor atacadista como do varejista, está fraca, consequência dos altos patamares de preço e da queda no poder de compra da população.